
Mídia, neoliberalismo e pobreza na América Latina: um estudo da cobertura da teleSUR sobre os indicadores sociais da Argentina em 2016¹

Suzete GAIA²

Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Domingos de ALMEIDA³

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA-PR)

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a cobertura da teleSUR sobre a pobreza Argentina no ano de 2016. Como metodologia, recorreremos a Pesquisa Documental, Bibliográfica (GIL, 2007) e Análise de Discurso (AD) francesa (ORLANDI, 2010; VERÓN, 2004). Utilizamos a Teoria Construcionista da notícia (SOUSA, 2002) para auxiliar no entendimento ao que concerne o papel dos profissionais da comunicação no fazer diário das notícias. Concluímos que, na Argentina, a mídia hegemônica, que sempre está a favor da elite, utilizou seu poder de alcance e influência para apoiar e defender as movimentações políticas da direita. A teleSUR chama para si, a responsabilidade pela defesa da população pobre da Argentina, questionando as medidas neoliberais adotadas pelo governo de Macri, e protesta contra a inércia desse em prover soluções para melhorar as condições de vida dos menos favorecidos.

PALAVRAS-CHAVE: Pobreza; Argentina; teleSUR.

INTRODUÇÃO

Nos anos recentes, a América Latina vem passando por intensas mudanças políticas que colocam em risco os avanços sociais e econômicos alcançados nas últimas décadas. Uma onda conservadora ressurgiu na região, imprimindo algumas derrotas políticas preocupantes às experiências progressistas, que elevaram alguns países latino-americanos ao protagonismo internacional, por suas políticas sociais de distribuição de renda e combate a pobreza.

São derrotas que colocam em jogo, não somente as conquistas sociais, mas também, o sistema democrático na América Latina. Isso porque os governos da direita não chegam ao poder apenas pela via democrática, quando isso não é possível, os golpes são alternativas as quais recorrem os direitistas.

¹Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

²Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFMA. Integrante do Grupo de Pesquisa em Comunicação, Política e Sociedade (COPS) e bolsista do PIBIC, e-mail: suzetegaia@gmail.com

³Orientador do trabalho. Mestre em Integração Contemporânea da América Latina (ICAL) (2018) e Especialista em Relações Internacionais Contemporâneas (RIC) (2017), pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Graduado em Comunicação Social (2015) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com período sanduíche em Comunicación (2014) na Universidad Anáhuac Cancún (UAC - México). E-mail: domingos.jzufma@gmail.com

Como experiências mais recentes desse *modus operandi* da direita na região, podemos citar os golpes parlamentares no Paraguai (2012), que destituiu o Presidente Fernando Lugo, e no Brasil (2016) contra a mandatária Dilma Rousseff. A Venezuela também enfrenta problemas com as investidas da oposição que tenta desestabilizar o governo do Presidente Nicolás Maduro. As mudanças também afetaram a Argentina, em que o empresário Mauricio Macri chegou ao poder pelo caminho democrático em 2015, mas logo se encarregou de fortalecer as políticas neoliberais e fragilizar a soberania do país para avigorar a influência imperialista norte-americana em seu território.

Os efeitos dessas mudanças, tanto na Argentina com a eleição de Macri, quanto no Brasil com o golpe que destituiu Dilma Rousseff, foram sentidos de imediato, principalmente pela população mais pobre. As primeiras medidas adotadas pelos novos governos foram no sentido de enfraquecer as políticas de inclusão social e combate a pobreza, encampadas pelos gestores progressistas que os antecederam. E, como consequência dessas medidas, houve aumento das desigualdades.

Na Argentina, com pouco mais de um ano do governo de Mauricio Macri, que foi eleito com a proposta de “pobreza zero” entre suas prioridades, os dados mostram que o país anda na direção oposta. De acordo com estimativas do Observatório da Dívida Social da Universidade Católica Argentina (UCA), somente no primeiro trimestre de 2016, já somavam mais 1,4 milhão de novos pobres na Argentina. E o principal responsável por esses números que se agravaram ao longo do ano, como mostraremos mais adiante, foi o chamado “*tarifazo*”, que elevou os preços de serviços básicos como água, energia, gás e etc., além de cortes de subsídios.

Mesmo com a forte reação dos argentinos contra essas políticas de ajustes, que só afetam a classe trabalhadores e pobre do país, como é de praxis, os meios tradicionais e hegemônicos de comunicação, com interesses a defender, como o império midiático *Clarín*, saíram em defesa das medidas adotadas pelo Presidente. Essa é uma característica comum à mídia que atua na América Latina: apoiar e legitimar medidas conservadoras e neoliberais que privilegiem as elites.

Interessado em discutir os reflexos dessas medidas na população argentina, bem como entender como foram retratadas pela mídia, este artigo tem como objetivos analisar a cobertura dos meios de comunicação sobre os indicadores sociais da Argentina no ano de 2016, a partir da emissora teleSUR, uma TV situada no campo contra hegemônico e

contra discursivo na América Latina, que busca construir uma visão latina dos fatos e dá voz as demandas dos povos regionais.

Além disso, buscamos verificar a incidência da pobreza na população argentina a partir dos indicadores sociais medidos pelo Observatório da Dívida Social Argentina em 2016 e identificar os fatores que levaram ao aumento da população pobre na Argentina. Como ferramentas metodológicas recorreremos à Pesquisa Documental, Bibliográfica (GIL, 2007) e Análise de Discurso francesa, na perspectiva de Eni Orlandi (2010) e Eliseo Verón (2004).

A Análise de Discurso de linha francesa (AD) concebe os discursos como práticas sociais determinadas, existentes dentro de um contexto histórico e social em que as pessoas agem sobre o mundo e sobre os outros. Todo discurso apresenta marcas de uma ou de várias ideologias e explicitá-las é um dos objetivos da AD francesa, fundamentada nos pilares da Linguística, do Materialismo Histórico de base Marxista e da Psicanálise.

Na avaliação de Orlandi (2010), o lugar de onde o sujeito do discurso enuncia, principalmente o institucional, é determinante do que ele diz: “como nossa sociedade é fundamentada por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’” (ORLANDI, 2010, p. 39).

A função da AD é revelar os sentidos ocultos, os discursos, produzidos pela linguagem e materializados nos textos. Aquilo que está verbalizado não revela literalmente o que está dito. Existem ditos que só são visíveis a partir de uma análise aprofundada. E, conforme explica Verón (2004) “as ausências, aqui como em toda parte, dizem tanto quanto às presenças” (VERÓN, 2004, p. 49).

Orlandi (2010) complementa o autor argentino, destacando que a AD procura “ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (ORLANDI, 2010, p. 59). Os sujeitos, propositalmente ou de forma inconsciente, expressam através da fala, discursos, entretanto, esses necessitam de prismas especiais para serem visualizados e compreendidos. É por isso que a Análise do Discurso vai além do que está materializado.

Para fundamentar o trabalho, trazemos as contribuições de autores decoloniais e da Teoria Construcionista da notícia e para auxiliar no entendimento ao que concerne o

papel desempenhado pelos profissionais da comunicação no fazer diário das notícias, nesse caso, os profissionais da teleSUR.

AUMENTO DA POBREZA NA ARGENTINA EM 2016

Em 24 de abril de 2017, a ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, realizou a palestra de abertura do Colóquio, *América Latina: Política, Futuro, Igualdad*, intitulada *El futuro de la democracia en América Latina* na Cidade do México. O evento era parte da celebração dos 50 anos do Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO). Na oportunidade, a ex-mandatária fez uma contextualização histórica do processo de desenvolvimento social e econômico, pelo qual atravessou a América Latina, desde a década de 1980.

A América Latina, nos anos que nós denominamos, anos perdidos, que foram as décadas de 1980 e 1990, como um todo, sofreu um grande avanço das concepções neoliberais e dos governos neoliberais, baseados nas ideias, que quando houve a reunião do chamado consenso de Washington, viraram uma espécie de cânone, de receituário, de receita, para governos conservadores. E propunha a desregulamentação da economia, a diminuição drástica do papel do Estado e a expansão de um tipo de livre comércio aqui na nossa região (ROUSSEFF, 2017)⁴.

Para Rousseff (2017), tratava-se de estruturar um Estado mínimo, que resolvesse os problemas sociais da desigualdade se retirando da esfera social. Sendo essa a forma de conduzir a política social nesse período, a região passa a experienciar um generalizado retrocesso. Com a retirada da presença indutora do Estado das políticas sociais, acreditava-se que a mão do mercado resolvesse as desigualdades.

Um traço comum a todas essas experiências foi, em muitos países, a desconstrução de todas as políticas sociais, fortes privatizações e, ao mesmo tempo, um elevado índice de endividamento das nossas economias. Esse processo contou também, em muitos casos, com a presença do Fundo Monetário Internacional, como sendo um elemento para implantar políticas de exclusão. O momento mais dramático desse período foi a crise que afetou todos os países, principalmente os dois maiores, Argentina e Brasil, quando no início dos anos 2000, há o processo de inadimplência dos nossos países. A crise se aprofunda, no

⁴ Transcrição feita pelo autor, a partir do vídeo de transmissão veiculado ao vivo na página do Clacso na rede social Facebook.

caso da Argentina, ela chega a ser dramática. Aí, o que acontece? Há uma onda de governos populares e a América Latina entra em uma espécie de onda contrária ao que acontecia nos Estados Unidos e na Europa. Porque a América Latina, nos seus governos populares, passa a fazer uma política de inclusão. Em toda ela há um aumento de desenvolvimento, um reforço do mercado interno e, sobretudo, uma melhoria, absolutamente significativa na redução da desigualdade. Nós reduzimos a desigualdade. No resto do mundo a desigualdade se ampliava. [...] Por dez anos, por 15 anos, nós tivemos um movimento contrário. E além de afirmar o desenvolvimento econômico, afirmava que ele era possível, com redução da desigualdade e se daria em sociedades democráticas. Nós vimos hoje na América Latina, um momento diferente. Por toda a América Latina, se verifica o surgimento de governos conservadores e governos que buscam a completa desregulação econômica e a perda de direitos sociais (ROUSSEF, 2017)⁵.

No dia 23 de novembro de 2015, os argentinos elegeram o empresário direitista, Mauricio Macri como Presidente do País. Foram 51,40% dos votos contra 48,6% de Daniel Scioli, candidato apoiado pela então Presidenta, Cristina Kirchner. Macri se tornou presidente da Argentina com a proposta de acabar com a pobreza, entretanto, os prognósticos mostram que o país está indo no sentido inverso.

Em março de 2016, um levantamento realizado pelo Observatório da Dívida Social da Universidade Católica Argentina (UCA), apontou que cerca de 13 milhões de pessoas não tinham renda suficiente para satisfazer suas necessidades básicas, número que equivale a 34,5% do total de argentinos. O número de pobres na Argentina havia experimentado importante redução entre 2010 e 2011, voltando a crescer de 2012 a 2015, crescimento que se agravou a partir de 2016.

Las tasas de pobreza habrían experimentado una importante reducción entre 2010 y 2011, en el marco de un proceso de reactivación económica y mejoras en las políticas laborales y sociales. Luego, estas tasas evidenciaron una tendencia ascendente entre 2012 y 2015, con relativo estancamiento durante ese último año. El impacto inflacionario de la devaluación, sumado a los efectos recesivos de las medidas de ajustes adoptadas, elevaron nuevamente las tasas de pobreza en 2016 (INFORME ODSA-UCA, 2016, p. 03).

No terceiro trimestre de 2016 o país já acumulava por volta de 2,7 milhões de pessoas indigentes. A taxa de pobreza, por sua parte, cresceu de 29%, a fins de 2015 para 32,9% no terceiro trimestre de 2016, o que significa um aumento de 1,5 milhões de

⁵ Idem.

novos pobres, somando no total, cerca de 13 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza. Esses índices são os mais altos registrados desde 2010.

Un examen más detallado da cuenta de que una caída en las tasas de indigencia, tanto a nivel de hogares como de población, entre 2010 y 2013. Esto debido al protagonismo que asumieron las políticas de transferencia de ingresos hacia los sectores más vulnerables, incluso, a pesar de la alta inflación registrada durante el período. Entre 2014 y 2015, la indigencia exhibió una evolución levemente descendente, para luego volver a crecer en 2016, alcanzando los niveles que se registraban en 2010 (INFORME ODSA-UCA, 2016, p. 03).

O Instituto Nacional de Estatística e Censos (INDEC) do Ministério da Fazenda argentino realizou um levantamento com a população total de 31 aglomerados urbanos, o que representa 27.308.394 pessoas, distribuídas em 8.874.330 de residências. Vale ressaltar que a população Argentina é de 43,42 milhões de pessoas (INDEC, 2015), isso significa que o levantamento do Instituto avaliou a situação de apenas 62,89% da população.

Os dados revelam que 21,5% das residências e 30,3% da população são pobres. Desses percentuais 4,5 das residências e 6,1 das pessoas são miseráveis. Em números reais, as porcentagens apresentadas dão conta que, durante o segundo semestre de 2016, 1.906.215 de residências e 8.277.085 de pessoas se encontram abaixo da linha da pobreza. Sendo 401.122 de moradias e 1.657.221 de pessoas abaixo da linha da indigência (INDEC, 2016).

A causa principal dessas problemáticas é o forte aumento dos preços, especialmente de alimentos, que subiram cerca de 10% nos primeiros três meses de 2016. A situação econômica que atravessa a Argentina tem despertado preocupação de organizações sociais, devido ao rápido aumento do custo de vida e as consequências sobre os mais vulneráveis, considerando que os ajustes afetam os principais serviços básicos oferecidos à população.

O plano oficial de aumentos começou em fevereiro, pouco mais de um mês do início do Governo Macri. A eletricidade, por exemplo, teve aumentos médios de 250% e, em alguns casos específicos, de até 700%. A passagem de ônibus e de transportes ferroviários duplicou. Os preços do gás e da água também sofreram aumentos por volta de 300%. Os custos dos combustíveis sofreram quatro reajustes no primeiro semestre de

2016. Em janeiro, março e abril o aumento foi de 6% em cada mês. Em maio o ajuste foi de 10%, o que representa uma alta acumulada de 28% no ano.

Essa situação social conturbada a qual está submersa a Argentina, muito se assemelha a realidade enfrentada pelo país nos anos 1990, conforme destaca Santriano (2006) ao relatar sobre a conjuntura econômica e social daquela época.

El incremento de pobres se produce por el aumento del desempleo, el congelamiento de los salarios y el aumento de los precios de los alimentos y demás elementos básicos de consumo. Sintéticamente, las razones estructurales del incremento de la pobreza en los 90s en Argentina se encuentran en el mercado de trabajo, específicamente la caída salarial, la distribución del ingreso, la precarización y el desempleo. A esto podría agregarse puestos de trabajo que se caracterizan por su precariedad, los cuales suponen la fragilidad de la inserción social. En este sentido, el mercado laboral argentino actual se destaca por el predominio de puestos de trabajos precarios, inestables y sin cobertura social. Las bajas remuneraciones y el hecho que el desempleo afecta, en mayor medida, a los jefes de hogar que son el principal proveedor de ingresos de las familias (SATRIANO, 2006, p. 62).

Assim como na década de 1990, o aprofundamento da pobreza que assola o país foi provocado pela adoção de políticas neoliberais pelos respectivos governos, fiéis ao receituário elaborado no Consenso de Washington em 1989 e aplicado nos países em desenvolvimento, cujo objetivo era reduzir o papel e as possibilidades de atuação do Estado, permitindo que a iniciativa privada ou, o “mercado”, seja o grande agente tomador de decisões.

O resultado dessa política nefasta foi a ampliação da concentração de renda e o alargamento do abismo social que separa os ricos dos pobres. Sobre isso, o Sociólogo argentino, Atilio Borón, explica que as políticas neoliberais estão longe de ser portadoras do progresso social.

Las políticas neoliberales precipitaron un holocausto social sin precedentes en la historia de América Latina. Esto se tradujo en un aumento dramático de la exclusión social, la pobreza y la vulnerabilidad de amplios sectores de las sociedades latinoamericanas (BORÓN, 2003, p. 27).

Contrário aos serviços oferecidos a população com tarifas subvencionadas pelo governo, o presidente Mauricio Macri realizou ajustes indiscriminados em distintas

áreas e por isso enfrenta, até a atualidade, a resistência de diversos setores sociais que pedem a redução do ritmo de ajustes, considerando que bens básicos como alimentos ou roupas já estão com os preços muito elevados, o que prejudica o orçamento familiar. A situação de miséria acomete também as condições de moradia da população argentina em distintas faixas etárias, sendo as crianças e os adolescentes os mais afetados.

En 2016, aproximadamente el 11% de los niños/as de 0 a 14 años residiría en hogares por debajo de la línea de indigencia, mientras que dicho porcentaje sería de alrededor de 9%, 5% y 1% entre los jóvenes, adultos y adultos mayores, respectivamente. La propensión a la pobreza absoluta por ingresos también es más elevada entre los niños/as, entre los cuales el porcentaje alcanzaría alrededor de 49% en el 2016. Por su parte, en los restantes grupos etarios, la tasa de pobreza absoluta por ingresos habría alcanzado niveles de 38%, 28% y 11% aproximadamente entre los jóvenes, adultos y adultos mayores, respectivamente. Adicionalmente, debe señalarse que los niños/as y adolescentes habrían sido los más afectados en lo que respecta a la evolución de las tasas de indigencia y pobreza (INFORME ODSA-UCA, 2016, p. 03).

Em anos recentes, contrastando com a situação de empobrecimento atual, a Argentina se tornou o país da América Latina que apresentou a maior redução de pobreza entre 2002 e 2010, impulsionado fundamentalmente pelo forte crescimento da economia, segundo um estudo elaborado pela Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL). Em seu informe, denominado "Panorama Social de América Latina 2011", a CEPAL destaca que a Argentina diminuiu os níveis de pobreza em 36 pontos percentuais, o que a converteu em líder regional nessa área. Ainda segundo a Comissão, "la reducción de la pobreza en la región ha sido posible gracias a la complementariedad de los efectos crecimiento y distribución".

A partir dessas informações é possível identificar que o aprofundamento da miséria atingiu fortemente os segmentos mais vulneráveis da sociedade argentina, principalmente pelo deterioramento ainda maior das já precárias condições de trabalho. Considerando que o aumento da pobreza afetou diretamente a população da classe média baixa ou setores populares vinculados a economia informal. Enquanto que as classes mais abastardas aumentaram seus lucros.

De acordo com Satriano (2006), esse contraste entre a miséria e a riqueza na Argentina, que fortaleceu as desigualdades apontadas acima, muito se deve à evolução econômica do capitalismo no País com políticas de ajuste, aumentando o desemprego e

reduzindo os gastos públicos em coberturas sociais. O que estendeu a pobreza e gerou graves problemas de ordem social.

Borón (2003) reforça que a implantação de políticas neoliberais nos países da América Latina, entre os quais se inclui a Argentina, atende exclusivamente aos interesses imperialistas dos Estados Unidos, que há décadas promove verdadeiros saques das riquezas da região, deixando profundos rastros de pobreza e exclusão social.

En efecto, en el marco de las políticas neoliberales implementadas casi sin excepción en toda la región en los años ochenta y noventa se observa una intensificación sin precedentes de la exclusión social y la pobreza. En su servil obediencia a los dictados del imperialismo y sus perros guardianes, nuestros gobiernos no se contentaron con establecer una economía de mercado sino que, yendo más lejos, dieron paso a lo que Pierre Mauro denominara una “sociedad de mercado”, es decir, una sociedad en la cual los derechos ciudadanos son redefinidos desde una lógica mercantil, produciendo por esa vía la desprotección de grandes masas de nuestras poblaciones. El paso de una a otra está mediado nada menos que por la capitulación estatal y la bancarrota de sus capacidades de intervención y gestión, lo que coloca objetivamente al estado y a la sociedad como rehenes del mercado, y a éste en condiciones de desarrollar hasta el límite el darwinismo social que permite seleccionar a los más aptos y eliminar a los que no lo son: niños, viejos, enfermos, adultos no reciclables laboralmente, etcétera (BORÓN, 2003, p. 27).

O autor chama atenção também, para o relativo debilitamento sofrido por nossos países por conta do que ele chama de “efecto corrosivo” das políticas do Consenso de Washington. Para Borón (2003, p. 30), essas, “lejos de haber consolidado nuestras nacientes democracias, operaron en un sentido exactamente inverso, y las consecuencias las estamos pagando hoy”.

E com o retorno de governos conservadores ao poder e o alinhamento político com o império norte-americano, como é o caso da Argentina do empresário direitista Maurício Macri, o pesadelo das políticas neoliberais volta a assolar as classes sociais menos favorecidas, com desemprego, aumento de preços, exclusão e desigualdades sociais, tudo em benefício do mercado que lucra a custas da miséria da população.

En términos más generales podría decirse que lo que ocurre es que, en el nuevo contexto ideológico signado por el primado del neoliberalismo, la participación ciudadana en la cosa pública fue sistemática y sutilmente desalentada. La “norteamericanización” de la política latinoamericana visible en las campañas políticas, la dilución ideológica de la competencia electoral, la obsesión de los grandes

partidos por ocupar el “centro” del espectro ideológico, y el primado de la videopolítica, con sus insulsos discursos y sus rebuscados estilos publicitarios, también se deja sentir en la persistente promoción de la indiferencia y la apatía políticas (BORÓN, 2003, p. 31/32).

A influência norte-americana nas políticas internas dos países da América Latina é mecanismo definidor das políticas que venham a ser adotadas, sempre privilegiando o mercado em detrimento da defesa do segmento social. Esse realinhamento com os Estados Unidos, ou como chama Borón (2003), norte-americanização da política regional, havia sido enfraquecida na gestão dos governos progressistas, mas ganhou fôlego com a eleição de Macri na Argentina e com o golpe no Brasil contra a Presidenta Dilma Rousseff, que levou ao poder o presidente Michel Temer, representante da direita neoliberal brasileira.

POBREZA NA ARGENTINA E A COBERTURA DA TELESUR

A emissora de TV *Televisión del Sur* (teleSUR) foi ao ar pela primeira vez em 24 de julho de 2005, uma data simbólica, pois é a mesma do nascimento do líder Simón Bolívar, líder que deu as bases ideológicas para a revolução bolivariana da Venezuela, levada à concretização pelo ex-presidente Hugo Chávez. De caráter multiestatal, a teleSUR foi fundada em parceria do governo venezuelano que detinha 70% do projeto, do argentino com 20% e do uruguaio com 10%. Brasil e Cuba participavam compartilhando programação e cedendo tecnologia.

Com a primeira eleição de Evo Morales na Bolívia, o país ingressa na sociedade da teleSUR no dia 19 de abril de 2006. Nicarágua e Equador passam a ser acionista da TV em 11 de março e 30 de agosto de 2007, respectivamente. Em 9 de outubro de 2009, o Instituto de Rádio e Televisão de Cuba (IRTC) firmou um acordo com o Ministério de Comunicação e Informação da Venezuela, tornando o país, efetivamente, sócio da emissora.

Após a eleição do presidente Maurício Macri na Argentina, o país deu início a um processo que resultou na sua saída do projeto comunicacional teleSUR. No dia 27 de março de 2016, o ministro das comunicações da Argentina, Hernán Lombardi, anunciou que o país deixaria de integrar a sociedade proprietária da emissora. Desta forma, o canal deixou de ser transmitido na televisão aberta e de ser de inclusão

obrigatória nas grades de transmissão das televisões pagas por não ser mais um canal estatal.

Assim, permaneceram como acionista da teleSUR Bolívia, Cuba, Equador, Nicarágua, Uruguai e Venezuela. Com o slogan *Nuestro Norte es el Sur*, a TV surge com a missão de corrigir distorções históricas na autoimagem dos latino-americanos, construída geralmente, por meios hegemônicos. O lema definido para a emissora, pelo diretor de jornalismo, o colombiano Jorge Botero, “independente sempre, neutra, nunca”, representa precisamente a forma de atuar desse meio que surge para promover a integração dos povos latino-americanos pelo viés comunicacional.

teleSUR representa la alternativa informativa para el mundo. Nuestra agenda visibiliza a los pueblos, lo que no cuentan los grandes medios lo encuentra en esta televisión. teleSUR ha estado presente en los grandes acontecimientos, no sólo en Latinoamérica, sino del Mundo. En nuestros [once] años hemos realizado importantes coberturas que han mostrado la verdad sobre el acontecer mundial. NUESTRA MISIÓN - TeleSUR es un multimedio de comunicación latinoamericano de vocación social orientado a liderar y promover los procesos de unión de los pueblos del SUR. Somos un espacio y una voz para la construcción de un nuevo orden comunicacional. NUESTRA VISIÓN – Ser un multimedio y multiplataforma de servicio público con cobertura global que, desde el SUR, produce y divulga contenido informativo y formativo para una base de usuarios amplia y leal; con una visión integradora de los pueblos (TELESUR⁶).

E com essa missão de informar desde, para e sobre a América Latina, a teleSUR buscou construir suas bases de sustentação em setores da sociedade antes marginalizados ou ignorados pelos meios de comunicação hegemônicos. Afinal, conforme afirma Barbero (2015, p. 220), “la TV en América Latina es la imagen más clara del monopolio de la palabra, de la negación de la historia y del saqueo de los sueños”.

Autointitulada a voz informativa da América Latina, a emissora cumpre com a tarefa de dar voz aos povos latino-americanos em uma programação de 24 horas de telejornalismo, com programas que oferecem distintos olhares sobre os diversos aspectos da região.

Além do Brasil, onde tem uma correspondente, a emissora manterá repórteres na Argentina, Colômbia, Cuba, Bolívia, Estados Unidos,

⁶ Disponível em: <http://www.telesurtv.net/pages/sobrenosotros.html>

México e Uruguai. É a forma de garantir que 40% da grade seja formada por programas jornalísticos. Porém, mais do que mostrar o continente por um ângulo novo como seu slogan indica (“O Nosso Norte é o Sul”), a emissora busca parcerias em setores sociais que nunca tiveram espaço nas emissoras comerciais. Será uma mudança dramática, uma “reforma agrária” voltada para os satélites, já que os outros 60% da programação devem ser preenchidos por produções audiovisuais próprias e independentes, programas de TVs comunitárias, de universidades ou produzidos por organizações populares e sociais (MERLI; SOBRINHO, 2011, p. 01).

A teleSUR, desde a sua gênese traz uma proposta inovadora de fazer comunicação na América Latina, seja pela organização administrativa multiestatal ou pela iniciativa de promover a integração regional dando voz aos povos esquecidos e negligenciados que, historicamente, lutam para efetivar uma comunicação popular, democrática, responsável e comprometida com o respeito às características e especificidades da região. Distintivos que a emissora teleSUR consegue aglutinar em maior ou menor medida.

Esse comprometimento da emissora gerou reações adversas da direita conservadora latino-americana. Habituada a controlar as informações e a restringir o acesso da população aos meios midiáticos, essa facção política, tão logo teve oportunidade, se encarregou de fragilizar o projeto teleSUR. Um exemplo é o caso da Argentina, fundadora da TV, que em 2016 foi retirada da sociedade assim que o empresário direitista Mauricio Macri assumiu a presidência do País.

Nesse mesmo período, a Argentina foi mergulhada em uma crise social que resultou no aumento considerável da pobreza. Isso é resultado das políticas neoliberais implantadas por Macri com objetivo de agradar a iniciativa privada, fortalecendo o papel do mercado, reduzindo a atuação do Estado e, por consequência, negligenciando as políticas de distribuição de renda e combate a pobreza.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivos analisar a cobertura da emissora teleSUR sobre os indicadores sociais da Argentina no ano de 2016 medidos pelo Observatório da Dívida Social Argentina. Buscamos também, identificar os fatores que levaram ao aumento da população pobre na Argentina. E como ferramentas metodológicas recorreremos a Pesquisa Documental, Bibliográfica (GIL, 2007) e Análise de Discurso francesa, na perspectiva de EniOrlandi (2010) e Eliseo Verón (2004).

Adotamos as contribuições teóricas da Epistemologia Decolonial para fundamentar o trabalho e, do campo da comunicação, recorreremos à Teoria

Construcionista do Jornalismo (SOUSA, 2002) para auxiliar no entendimento ao que concerne o papel desempenhado pelos profissionais da comunicação no fazer diário das notícias, nesse caso, os profissionais da teleSUR.

Nesse caso, faz-se necessário entender que a notícia é um produto “fabricado”, a partir da convergência de um conjunto de forças - ação pessoal, ação social e ação cultural – que determinam o que e como algo será noticiado. Fatores históricos e os meios físicos e tecnológicos (como e onde será veiculada a notícia) também incidem sobre a produção. E isso explica o porquê das notícias que temos e por que elas são como são (SOUSA, 2002).

Uma notícia é um artefacto linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia (SOUSA, 2002, p. 03).

É a partir desses pressupostos que partimos para a análise da cobertura das notícias veiculadas pela teleSUR a respeito do índice de pobreza na Argentina que sofreu significativo aumento no último ano. O recorte para o estudo é a programação jornalística do telejornal “Impacto Económico” de 2016, noticiário que “ofreceu informe completo de las noticias más relevantes del acontecer económico de Latinoamérica y el mundo⁷”. O material de análise conta de 17 matérias veiculadas no intervalo de 16 de março a 16 de dezembro de 2016, conforme dispostas na tabela a seguir.

Tabela 01: Matéria do telejornal Impacto Económico utilizadas na análise

Noticiário	Título	Data
Telejornal Impacto Económico	Argentina: Kicillof advierte más pobreza con pago a "fondos buitres";	16/03/2016
	Argentina: políticas de Macri contradicen objetivo de "pobreza cero";	27/04/2016
	Argentina: costo de la vida continúa subiendo dramáticamente;	06/05/2016
	Con nuevo gobierno Argentina cae en el desempleo, y la pobreza aumenta;	19/05/2016
	Argentina: pobreza crece en cinco meses; pasó de 19.8% a 33.3%	05/07/2016
	El gobierno argentino minimiza el aumento de la pobreza en el	06/07/2016

⁷ Disponível em: <http://www.telesur.tv/seccion/programas/index.html>

	país;	
	Expdta. argentina critica que con el nuevo gobierno creció la pobreza;	02/08/2016
	Argentina: pobreza y vulnerabilidad laboral a la alza	12/08/2016
	Argentina: con Macri, un millón y medio de nuevos pobres;	09/09/2016
	Argentina: pobreza, inflación y desempleo a la alza;	20/09/2016
	Argentina: índice de pobreza alcanza 32.2%; 6.3% vive en indigencia;	28/09/2016
	Pdte argentino: Pobreza 0 en 4 años es obvio que no se alcanza;	29/09/2016
	Pronósticos del BM para Argentina son negativos; la pobreza crece;	06/10/2016
	CFK:Macri infla índice de pobreza para descalificar políticas sociales;	14/10/2016
	Pobreza en Argentina creció a 32% en los últimos 10 meses;	14/10/2016
	Pobreza en Argentina alcanza el 32.2%;	25/11/2016
	Argentina: cae poder adquisitivo de la población y aumenta la pobreza	16/12/2016

Fonte: o autor, com informações do jornal Impacto Econômico.

Para iniciarmos essa análise, faz-se necessário destacar dois pontos. O primeiro é que essa cobertura do telejornal Impacto Econômico se dá em um momento em que a relação da teleSUR com a Argentina é diferenciada, em relação aos anos anteriores, considerando que em março de 2016, o país platino anunciou sua saída da sociedade formadora da TV. O Segundo ponto é que faremos uma análise atenta observando se a teleSUR, mesmo em campo político antagônico ao do governo de Macri, continuará fazendo uma cobertura responsável sem negar o direito a vez e voz ao povo argentino.

Para construir e legitimar seu discurso a respeito do aumento da pobreza na Argentina, a teleSUR busca a voz de pessoas do próprio país para falar sobre o assunto, como é o caso do deputado argentino pela Frente para a Vitória e ex-Ministro de Economia e Finanças Públicas da Argentina, Axel Kicillof que aparece no noticiário advertindo que com a aprovação do acordo para o pagamento aos chamados "*fondosbuitres*", o país experimentará maior pobreza, assim como a intervenção do Fundo Monetário Internacional (FMI) e seus desajustes.

Com as críticas centradas na figura do presidente Mauricio Macri, a emissora chama atenção para o fato de que a promessa eleitoral de "*pobreza cero*", que o executivo argentino insiste em repetir, contradiz a realidade que vivem muitos cidadãos. E faz questão de enfatizar que há apenas cinco meses de haver assumido a Presidência, as políticas de Macri continuam afetando negativamente os bolsos dos mais vulneráveis.

A ex-mandatária da Argentina, Cristina Kirchner, é uma voz recorrente nas coberturas da emissora sobre a situação social do país. O jornal Impacto Econômico

repercutiu uma entrevista de Kirchner a um noticiário argentino em que ressalta que o governo de Macri aumentou a precarização e a pobreza. Em outra oportunidade a ex-presidenta dimensiona o número de pobres na Argentina, com o objetivo de questionar aqueles que argumentam que as políticas sociais são inúteis e só causam mais gastos públicos.

Outro destaque da emissora é ao movimento da organização “*Barrios de Pie*” em Buenos Aires, que montou 100 locais populares de distribuição de comida, em protesto contra a alta taxa de pobreza e desigualdade, além do desemprego. E a fonte a qual recorre teleSUR é Walter Córdoba, membro da “*Barrios de Pie*”, que tece críticas ao governo de Macri, afirmando que desde sua chegada ao poder há um milhão e 500 mil novos pobres no país.

Sobre as condições de vida dos argentinos menos favorecidos, o noticiário informa que as famílias necessitariam de mais de 700 dólares mensais, no mínimo, para não ficarem abaixo da linha da pobreza, uma vez que o custo da Cesta Básica registrou um aumento de 7.8%. Ainda de acordo com informações veiculadas no jornal Impacto Econômico, desde que Macri assumiu o poder, uma média de mil pessoas são despedidas por dia. Acumulando um número superior a 150 mil cidadãos desempregados só nos primeiros 5 meses de gestão. Fato que contribuiu para o crescimento do nível de pobreza na nação sul-americana, chegando a 34.5%.

Pelo que informa o noticiário, a situação mais grave é a de Buenos Aires, onde a pobreza subiu de 19.8% para 33.3% de janeiro a maio de 2016. E cresceu de 5.7% para 5.9% o número de pessoas em condições de extrema pobreza. Ao mesmo tempo, o salário retrocedeu 28%. A teleSUR acusa o mandatário argentino e seu partido de fazerem o possível para minimizar os dados de informes que demonstram o aumento do índice de pobres no país.

A teleSUR enfatiza o fato de que, depois de 12 anos de crescimento na Argentina, os rumos da economia mudaram com o início da gestão de Mauricio Macri, levando a que mais da metade da população economicamente ativa se tornou pobre e está em situação de vulnerabilidade trabalhista. A cobertura da emissora responsabiliza Macri, afirmando que, com a liberalização econômica e a desregulamentação, o mandatário só conseguiu reduzir os investimentos e elevar a pobreza a 32.2%.

Para a emissora latina, uns 14 milhões de argentinos deixaram de viver dignamente diante da crescente onda de desemprego e a redução drástica de

oportunidades. A economia cae diariamente e a pobreza crece de maneira alarmante. O consumo interno ficou paralisado devido a perda do poder aquisitivo dos cidadãos, a qual se deve ao atraso de salário, à inflação, à perda de emprego e ao aumento das tarifas dos serviços básicos. Com relação à inflação, as cifras oficiais indicam que ela supera 40% anual e é resultado da desvalorização do peso argentino em 40% e dos “tarifazos”, homéricos ajustes na luz, água, gás, transporte e outros serviços.

O noticiário destaca também que o presidente argentino observou que sua promessa de pobreza zero no país, quando era candidato para ocupar a Casa Rosada, se tratou de “um caminho”, uma estratégia para ganhar a eleição, pois, para ele, é óbvio que em quatro anos é impossível de realizar. Para a teleSUR, isso confirma que a expressão “pobreza zero” da coalizão de direita “*Cambiamos*” ficou apenas como promessa de campanha de Mauricio Macri, considerando que as políticas econômicas implementadas por seu governo complicam o panorama para o país platino.

CONCLUSÕES

Diante da conjuntura política conturbada que a América Latina atravessa atualmente, com as investidas da direita para retornar ao poder, os meios de comunicação, principalmente os hegemônicos, têm assumido papel decisivo, seja definindo rumos de eleições ou promovendo e legitimando golpes. Dos casos mais recentes, podemos citar as eleições presidenciais argentinas de 2015, que levou Mauricio Macri ao poder, e o golpe parlamentar que derrubou a então Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, em 2016.

Tanto na Argentina, quanto no Brasil a mídia hegemônica, que sempre está a favor da elite, utilizou seu poder de alcance e influência para apoiar e defender sem qualquer pudor, as mobilizações políticas da direita nos períodos citados acima. Essa característica de falta de responsabilidade dos meios de comunicação no trato dado aos fatos e com a sociedade, nos faz olhar com entusiasmo, mas com criticidade, para a atuação da teleSUR na América Latina. Uma emissora que se constitui como alternativa comunicacional para os povos da região.

Na Argentina, o principal expoente da mídia elitista é o Grupo Clarín, um verdadeiro império midiático que, insatisfeito com a “*Ley de Medios*”, elaborada com apoio da então Presidenta Cristina Kirchner, que desmontou o monopólio do grupo e

democratizou o acesso aos meios de comunicação, encampou nas eleições de 2015, uma campanha difamatória contra o candidato do governo e outra em defesa da candidatura de Maurício Macri.

No Brasil, a situação foi mais grave, a grande mídia em quase sua totalidade, apoiou e promoveu um atentado contra a democracia, materializado no golpe parlamentar que derrubou a ex-presidenta Dilma Rousseff. Os meios de comunicação brasileiros, capitaneado pelo Grupo Globo, um dos maiores conglomerados de mídia do mundo, gestaram o golpe junto à direita do país, deram sustentação a seu desenvolvimento e o legitimaram junto à sociedade e, posteriormente, atuando como base de apoio ao grupo que assumiu o poder, após a saída da mandatária legitimamente eleita.

Com a saída de Rousseff, que levava adiante um projeto de governo progressista, elaborado na gestão do ex-presidente Lula, orientado a promover políticas públicas com a finalidade de reduzir as desigualdades sociais, que nas últimas duas décadas haviam alcançado resultados significativos no Brasil, a direita, encontrou a oportunidade para colocar em discussão suas pautas conservadoras, como o congelamento de gastos públicos por 20 anos, reforma do Ensino Médio, reforma trabalhista e da previdência, todas levadas ao debate com apoio da mídia.

Essa relação escusa da mídia com o grupo que está no governo é tão naturalizada no Brasil, ao ponto de o Presidente Michel Temer pedir ao empresário Silvio Santos, dono do Sistema Brasileiro de Comunicação (SBT), para que use seu poder de influência junto às camadas populares para conseguir apoio à impopular reforma da Previdência. E assim fez o empresário que veicula diariamente duas peças publicitárias, curtas e diretas, lida pelo locutor oficial da emissora sempre em tom alarmista: “Você sabe que se não for feita a reforma da Previdência você pode deixar de receber o seu salário?”, e “Você sabe que o Brasil quebra se não aprovar a nova lei da Previdência?”.

O assunto elencado acima é necessário de ser discutido para que possamos ter a dimensão de o quanto somos reféns dos monopólios dos meios de comunicação representantes da elite. E também, para refletirmos sobre a quão necessária é uma emissora da magnitude política, social, cultural e ideológica como a teleSUR para a América Latina, uma vez que, seja no Brasil ou na Argentina, a direita conservadora possui um *modus operandi* compartilhado, que precisa ser enfrentado.

Quando à cobertura sobre a pobreza na Argentina, foco central desse trabalho, o que não anula as demais proposições trazidas ao debate, notamos que a teleSUR imprime um jornalismo orientado à esquerda, popular, responsável e acima de tudo, de qualidade. Com vocação para integrar os povos latino-americanos através da comunicação. Considerando o poder que possui, enquanto meio de comunicação de massa, verificamos que a emissora não se utiliza de má fé desse poderio para abordar determinado assunto, mesmo quando se trata de algo relacionado a quem declaradamente é adversário político.

Para abordar os índices de pobreza na Argentina, o telejornal Impacto Econômico recorre aos dados divulgados pelo próprio governo argentino, através do Instituto Nacional de Estatística e Censos (INDEC), bem como aos produzidos pelo Observatório da Dívida Social da Universidade Católica Argentina (UCA). E buscou também as impressões do Banco Mundial que emitiu prognósticos negativos para o país, onde um em cada três habitantes está em situação de pobreza. Além disso, o noticiário ouviu especialistas argentinos e a própria população, principal vítima das medias neoliberais implantadas pelo governo de Macri. Essa preocupação com a diversidade de vozes em sua composição garante maior credibilidade ao telejornal.

Nesse sentido, concluímos que a teleSUR chama para si, a responsabilidade pela defesa da população pobre da Argentina, questionando as medidas neoliberais adotadas pelo governo, e protestando contra a inércia desse em prover soluções para melhorar as condições de vida dos mais pobres. A emissora não nega que já existia pobreza, antes de 2016, o que ela faz, lealmente, é demonstrar que as medidas neoliberais introduzidas pelo Presidente Mauricio Macri, agravaram a situação de pobreza do País, que já era delicada, provocando o crescimento no número de novos pobres.

REFERÊNCIAS

BARBERO J. M. **Comunicación Masiva discurso y Poder**. Quito: Ciespal, 2015.

BORÓN, A. **Estado, capitalismo y democracia en América Latina**.- 1ª. ed.– Buenos Aires: Clacso, 2003. Disponível em: <http://www.clacso.org/wwwclacso/espanol/html/libros/estado/estado.html>

CONDICIONES de vida. **Incidencia de la pobreza y la indigencia en 31 aglomerados urbanos**. INDEC, Instituto Nacional de Estadística y Censos. Segundo semestre, vol. 1, nº 4, Buenos Aires – Argentina, 2016. Disponível em:

http://www.indec.gob.ar/nivel4_default.asp?id_tema_1=4&id_tema_2=27&id_tema_3=64. Acessado em: 10 mai 2016.

INFORME. Pobreza y Desigualdad por Ingresos en la Argentina Urbana 2010-2016. Observatorio de la Deuda Social Argentina, Pontificia Universidad Católica Argentina, Buenos Aires, 2016. Disponible en: <http://www.uca.edu.ar/uca/common/grupo68/files/2017-Observatorio-Informe-Pobreza-Desigualdad-Por-Ingresos-2010-2016.pdf>

MERLI, D. SOBRINHO, W. **A América Latina sob outro olhar.** Revista Fórum, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/2011/10/20/a-america-latina-sob-outro-olhar/>. Acessado em 14 mai 2017.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos.** São Paulo: Pontes Editores, 2010.

ROUSSEFF, D. **Conferencia magistral: El futuro de la democracia en América Latina.** Coloquio América Latina: Política, Futuro, Igualdad, Clacso, Ciudad de México, 2017.

Satriano, C. 2006. **Pobreza, Políticas Públicas y Políticas Sociales.** Revista Mad 15: 60-73. Chile. <http://www.revistamad.uchile.cl/15/satriano.pdf>

SOUSA, J. P. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia. Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação da Universidade Fernando Pessoa, Porto - Portugal, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em: 22 de jan. de 2015.

VERÓN, E. **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.